

**PARÓQUIA NOSSA SENHORA APARECIDA
TAPIRATIBA – SP**

CURSO BÍBLICO 2016

“MISERICORDIOSOS COMO O PAI”

Lc 6,36

B. Novo Testamento: A plenitude da Misericórdia.

I. NO BATISMO O INÍCIO DO CUMPRIMENTO DA MISERICÓRDIA

Mt 3,13-17 – Mc 1,9-11 – Lc 3,21-22 – Jo 1,29-34

1. Jesus expressa, realiza e comunica a misericórdia em cada momento de sua vida terrestre: encontrando-se com as multidões, anunciando o Evangelho, curando os doentes, aproximando-se dos últimos, perdoadando os pecadores, Jesus torna visível um amor aberto a todos, sem excluir ninguém! Um amor puro, gratuito e absoluto. Sim, o Evangelho é de fato, o “Evangelho da Misericórdia”, porque Jesus é a Misericórdia!
2. Os quatro Evangelhos afirmam que Jesus, antes de iniciar o seu ministério público, quis receber o batismo de João Batista.
Este evento é uma orientação decisiva para a missão de Cristo.
Cristo não se apresentou ao mundo no esplendor do templo, não se fez anunciar pelo retumbar das trombetas, nem nas vestes de um juiz. Após 30 anos escondido em Nazaré ele foi ao Rio Jordão, junto com o povo e pôs-se **em fila com os pecadores** para ser batizado.
3. O Messias assume a condição humana. Seu programa foi apresentado na sinagoga de Nazaré (Lc 4,18-19). Ele não anuncia o ódio ou a inimizade, mas o amor. Está próximo dos últimos para comunicar-lhes a misericórdia de Deus que é perdão, alegria e vida nova.
4. Inicia-se o tempo da misericórdia. O Pai celeste confirma este caminho: “Este é o meu Filho amado” (Mc 1,11) e o Espírito Santo desce sobre Jesus. São três corações batendo em uníssono. É a epifania da Santíssima Trindade que mostra que a salvação é fruto da misericórdia do nosso Deus. Este caminho de misericórdia iniciado no Batismo vai ter o seu ápice na cruz. Na cruz ele vai apresentar ao Pai os pecados do mundo para serem perdoados. Todos somos pecadores e todos fomos perdoados, por isso não devemos temer as nossas misérias, porque o poder do crucificado não conhece obstáculos e não se esgota.
(Catequese de 6 de abril)

II. O CHAMADO DE MATEUS

Mt 9,9-13

1. Mateus era um cobrador de impostos para o Império Romano, por isso era considerado pecador público. Jesus o chama e ele aceita e convida Jesus para jantar em sua casa.
Chamando Mateus, Jesus mostra aos pecadores que não tem em consideração o passado deles, mas ao contrário, abre-lhes um novo futuro.
“Não há santo sem passado, nem pecador sem futuro”.
2. Jesus foi criticado pelos fariseus porque frequentou a casa de um pecador. Eles se julgavam justos, melhores que os outros. Seu orgulho era um muro que não permitia ver que eram necessitados de salvação e nem reconhecer o rosto misericordioso de Deus. E Jesus não tinha medo de dialogar com os pecadores. Ele amava a todos.
3. A missão de Jesus é esta: vir à procura de cada um de nós, para curar nossas feridas e nos chamar a segui-lo com amor. Jesus é o médico que cura os doentes e liberta do medo e da morte. Sentar-se à mesa com Jesus significa ser por ele transformado. E sua mesa é dupla: Palavra e Eucaristia. Esta Palavra desmascara as hipocrisias e ao mesmo tempo elimina, purifica, da força e esperança.

4. “Quero misericórdia e não sacrifício”. Jesus não aceita uma religiosidade de fachada, de aparência, mas um coração leal e arrependido que reconhece os próprios pecados. Todos nós temos necessidade de nos alimentarmos da misericórdia de Deus, porque é desta fonte que brota a nossa salvação.
(Catequese de 13 de abril)

III. JESUS AO LADO DA PECADORA NA CASA DO FARISEU **Lc 7,36-50**

1. Neste Evangelho está estabelecido um confronto entre duas figuras:
 - Simão, zeloso servidor da Lei.
 - Pecadora anônima.
 - Simão, julga os outros com base na aparência.
 - A Pecadora exprime com sinceridade o que tem no coração.
 - Simão não quer se comprometer e empenhar sua vida com o Mestre.
 - A Pecadora confia plenamente nele, com amor e veneração.De um lado a hipocrisia, de outro a humildade e a fé.
2. O fariseu não admite que Jesus se deixe “contaminar” pelos pecadores. É atitude típica de quem acha que Deus e o pecado se opõem radicalmente um ao outro. De fato, a Palavra de Deus ensina a distinguir entre pecado e pecador. Jesus não admite o pecado, mas acolhe o pecador que somos todos nós.
3. Entre o fariseu e a pecadora, Jesus escolhe a mulher. O fariseu blindado impede a misericórdia de agir. A mulher aberta deixa-a agir. O Santo de Deus deixa-se tocar por ela e põe fim ao isolamento ao qual o juízo dos comensais a condenava. E a mulher pode “ir em paz” porque foi salva pela sinceridade da fé e da sua conversão.
4. A pecadora nos ensina o vínculo entre fé, amor e reconhecimento. Ela ama muito porque muito foi perdoada. O amor de Deus vai além de nossas expectativas. Deixemos que o amor de Deus, grandioso e imerecido seja derramado sobre nós (Ef 1,7-8).
(Catequese de 20 de abril)

PARÁBOLAS

IV. O BOM SAMARITANO **Lc 10,25-37**

1. Duas perguntas e, Jesus responde com uma parábola.
Três personagens: um preocupado com o horário da celebração; o outro preocupado com a purificação (havia sangue). Mas o samaritano apesar de seus compromissos e afazeres, teve compaixão.
2. Frequentar a casa de Deus e conhecer sua misericórdia, não significa automaticamente que ama o próximo.
Conhecer a Bíblia inteira, as normas litúrgicas, a teologia não basta. Não é só a inteligência, mas também o amor que conta. Ignorar o sofrimento humano é ignorar Deus.
3. Compaixão é característica essencial da misericórdia de Deus. Deus sofre conosco, “padece com”. Ele não nos ignora nem nos abandona. E nós, cremos nisto?
O samaritano “curou...”, “transportou...”, “cuidou” e “proveu as necessidades”. O amor não é sentimento vago. É compromisso.
4. Por fim, é Jesus que faz a pergunta: “quem foi o próximo do assaltado?”
Esta parábola é uma dádiva e um compromisso: “vai e faze o mesmo!”
Jesus debruçou-se sobre nós para nos salvar, para que também nós pudéssemos amar como ele nos amou.
(Catequese de 27 de abril)

V. A OVELHA PERDIDA

Lc 15,1-7

1. Esta parábola mostra a imagem do Bom Pastor, solícito e próximo dos pecadores. A narração mostra que pecadores se aproximam de Jesus e doutores da lei, desconfiados, se afastavam.
2. É prudente e sábio deixar 99 ovelhas no deserto (lugar de morte, sem água, nem abrigo, à mercê das feras) por uma única ovelha?
E parece que o Pastor não voltou para o deserto, mas para casa!
Jesus quer nos ensinar que nenhuma ovelha se pode perder. Ele não descarta ninguém (Deus não conhece nossa “cultura do descartável”). Ele procura todos. Seu desejo é inefável, nada pode impedi-lo. Misericórdia pelos pecadores é o estilo como Deus age. Enquanto busca a tresmalhada o rebanho deve permanecer unido e inteiro o seguirá.
3. Há aqui um grande impulso missionário: dinâmico, aberto, estimulante e criativo. Para Jesus não existem ovelhas perdidas definitivamente, mas ovelhas que devem ser encontradas. Por isso, impele-nos a sair à procura para empreender um caminho de fraternidade. Nenhuma distância pode manter afastado o Pastor; e nenhum rebanho pode renunciar a um irmão. Encontrar um perdido é alegria do Pastor e júbilo do rebanho.
(Catequese de 4 de maio)

VI. DEUS, O PAI DE MISERICÓRDIA INFINITA

Lc 15,11-32

1. Começamos pelo fim. O pai diz: “Façamos uma festa...” Jesus não descreve um pai ofendido e ressentido. O que o pai mais queria era ver o filho diante de si, são e salvo. Ele subia no terraço para olhar a estrada e ver se o filho estava voltando. É ternura transbordante e misericórdia incondicional. O abraço e o beijo são sinais de consideração pelo filho apesar de tudo que aprontou.
2. O filho sabe que errou e reconhece isso. Mas suas palavras dissolvem-se diante do perdão do pai.
3. O filho mais velho também tem necessidade de descobrir a misericórdia do pai. Suas palavras carecem de ternura e manifestam o desprezo.
4. Um filho foi embora e o outro nunca permaneceu realmente próximo do pai.
O filho mais jovem pensava que merecia um castigo. O filho mais velho esperava recompensa pelos serviços.
Os dois irmãos não falam entre si, vivem histórias diferentes, cada um na sua lógica. A maior alegria para o pai é ver seus filhos se reconhecerem como irmãos.
5. O final fica suspenso. O que fez o filho mais velho? Aqui está um estímulo para nós. Temos necessidade de entrar na casa do Pai e participar da sua alegria na festa da misericórdia e da fraternidade.
(Catequese de 11 de maio)

VII. O GRITO SILENCIOSO DOS POBRES DE TODOS OS TEMPOS

Lc 16,19-31

1. A parábola do homem rico e do pobre Lázaro apresenta vidas opostas e totalmente incomunicantes: uma porta sempre fechada aos pobres; as roupas caras; os banquetes requintados; luxo e desperdício. A calçada, as feridas lambidas pelos cães, a fome...
Lázaro representa o grito silencioso dos pobres de todos os tempos e a contradição de um mundo em que riquezas e recursos imensos estão nas mãos de poucos.
Ignorar os pobres significa desprezar a Deus.
2. Há um pormenor: o rico não tem nome, apenas o adjetivo “o rico”. E Lázaro quer dizer “Deus ajuda”. Lázaro à porta é uma evocação para o rico se recordar de Deus, mas o rico não aceita. Portanto, será condenado não por ser rico, mas por ter sido incapaz de sentir compaixão por Lázaro e o socorrer.

3. Só no Além o rico enxerga Lázaro pela primeira vez, o reconhece e lhe pede ajuda, antes fingia que não o via. A porta fechada agora se tornou um “grande abismo”.
A parábola quer alertar de maneira clara que: a misericórdia de Deus por nós está vinculada à nossa misericórdia pelo próximo.
4. Quando o rico pensa em seus irmãos, Abraão responde que é para eles “ouvirem Moisés e os Profetas”, isto é, abrir o coração e curar a cegueira.
Os pobres que encontramos pelo caminho são o Cristo nos dizendo “tive fome... tive sede... estava nu... todas as vezes que fizestes ao menor dos meus irmãos, foi a mim que o fizestes...” (Mt 25,40): Obras de Misericórdia.
5. E Maria entoou: “derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes. Saciou de bens os indigentes e despediu de mãos vazias os ricos” (Lc 1,52-53).
(Catequese de 18 de maio)

VIII. REZAR, SEM NUNCA SE CANSAR **Lc 18,1-8**

1. Está parábola ensina a rezar sempre.
O juiz é uma personalidade poderosa. E a Lei dizia que eles deveriam ser tementes a Deus (Ex 18,21).
Aqui está um juiz iníquo, sem escrúpulos, que fazia o que queria, conforme seu interesse.
Do outro lado está a viúva (viúvas, órfãos e estrangeiros eram as categorias mais frágeis da sociedade). Pessoas sós e indefesas.
Diante da indiferença do juiz a viúva decide insistir e importunar.
Em certa altura o juiz decide atendê-la não por misericórdia, mas para que ela pare de molestá-lo.
2. Jesus conclui: se a viúva conseguiu convencer um juiz desonesto, tanto mais Deus que é Pai bom fará justiça aos seus escolhidos.
Deus atende sempre, mas não segundo os modos e tempos que gostaríamos.
Oração não é varinha mágica!
O mais importante na oração é a relação com o Pai, a união com Deus que é amor misericordioso.
A oração transforma o desejo e o modela segundo sua vontade.
3. No final, Jesus pergunta: “mas quando o Filho do Homem voltar, encontrará fé sobre a terra?”
É um alerta: é a prece que preserva a fé, pois sem ela a fé vacila.
É na prece que experimentamos a compaixão de Deus que, como um Pai, vem ao encontro dos seus filhos cheio de amor misericordioso.
(Catequese de 25 de maio)

IX. COMO REZAR E INVOCAR A MISERICÓRDIA DO PAI **Lc 18,9-14**

1. Ambos os protagonistas vão ao templo, mas agem de modo diferente:
O fariseu reza de pé. Agradece seus próprios méritos, sente-se superior. Olha e ora para si mesmo. Não se prostra; sente-se seguro; parece dono do templo. Pavoneia-se diante de um espelho. É a oração da arrogância e da hipocrisia.
O publicano age com humildade e arrependimento. Seu gesto é penitencial, usa poucas e simples palavras, só está seguro de ser um pecador, por isso implora a misericórdia.
2. A pergunta não é quanto oramos, mas como rezamos. Mãos vazias e coração despojado são as condições para receber o perdão de Deus.
A soberba esvazia a oração e afasta de Deus e do próximo. A humildade faz experimentar a misericórdia, que preenche todos os vazios.
Se a prece do soberbo não alcança o coração de Deus, a humildade do miserável o abre de par em par.
3. Esta humildade Maria exprime no Magnificat: “A sua misericórdia se estende de geração em geração, sobre aqueles que o temem” (Lc 1,50).
(Catequese de 1º de junho)